



FESTEJAR COM FÉ: O BUMBA-MEU-BOI MARANHENSE UMA CUMPLICIDADE COM SÃO JOÃO

Carla Georgea Silva Ferreira¹

Carlos Benedito Rodrigues da Silva²

A riqueza das festas populares do Maranhão pode ser vista em um calendário, que atravessa vários meses do ano. O destaque principal é o Bumba-meu-boi que ocorre no período junino em homenagem a São João, São Pedro e São Marçal.

O mês de junho é o principal período das festas maranhenses, embora este calendário se estenda até outubro com os rituais de “morte do boi”. Os arraiais juninos se espalham por vários bairros da cidade, com apresentações diversificadas e grande participação popular.

O destaque sempre é dado aos grupos de Bumba-meu-boi com seus variados sotaques. Marques (1999) considera que;

“Com a mesma caracterização histórica que originou o folguedo no Brasil, no Maranhão, porém, o Bumba-meu-boi diferenciou-se das demais formas nacionais, adotando um conteúdo ritualístico próprio, diversificando seus estilos e sotaques; criando novas formas de apresentação, de músicas, de adereços e pautando sua sobrevivência pelo gosto popular, sem, no entanto, desrespeitar a lenda que dá origem ao auto” (Marques, 1999: 80).

¹ Graduada em Ciências Sociais e Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro – Universidade Federal do Maranhão. E-mail: carlageorgea@yahoo.com.br

² Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFMA. E-mail: carlosbene@terra.com.br



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

Os diferentes sotaques despertam gostos também diferenciados na população que circula pelas arraias nos vários cantos da cidade na esperança de ver uma apresentação de seu grupo preferido.

Entre os sotaques, que são definidos pelos ritmos, podemos relacionar quatro principais:

- Matraca é predominante da Ilha de São Luís. Tem como instrumentos, matracas feitas de madeiras (que são batidas uma contra a outra produzindo um som estridente), pandeirões, um arco de madeira com cerca de um metro de diâmetro coberto com pele de animal.
- Sotaque de zabumba característico das chamadas comunidades negras do interior do estado. Tem grandes tambores e uma espécie de tamborim tocado com a mão. Maria Michol Pinho de Carvalho, estudiosa do Bumba-meu-boi do Maranhão, diz que nesses grupos
“a presença africana é mais incisiva, cuja percussão rústica produz um ritmo mais lento, socado, que lembra a melancolia do banzo ou da tristeza das senzalas” (Pinto de Carvalho, 1996:268).
- Sotaque de Pindaré - uma manifestação característica da chamada Baixada Maranhense. É diferenciado pelos seus grandes chapéus com fitas coloridas e penas, além de sua batida mais cadenciada, produzida por instrumentos menores que as utilizadas no Boi de Matraca.
- Boi de orquestra - caracterizado pela utilização de instrumentos de metais, banjos e maracás e por suas danças coreografadas. O Boi de orquestra apresenta uma formação mais modernizada, com suas roupas brilhantes e seu bailado coreografado, o que influenciou o surgimento de vários grupos estilizados nos bairros de São Luís.

O ciclo do Bumba-meu-boi do Maranhão está relacionado com uma atitude religiosa, evidenciando o caráter sagrado dessa manifestação, aspectos que podem ser identificados em várias letras, tanto da música popular do Maranhão, como das toadas específicas do Bumba, além das artes plásticas dos artistas locais.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

Essas músicas e toadas retratam situações específicas, como a promessa, na composição do poeta César Teixeira:

“São João, meu São João, eu vim pagar a promessa de trazer este boizinho para alegrar sua festa. Olhos de papel de seda com uma estrela na testa.”

Ou a devoção, na toada de Cochinho, cantador do Boi de Pindaré:

“Amanheceu, o galo cantou, vaqueiro vai na igreja, que o sino dobrou. É pra guarnicê, é pra reunir, essa é a ordem que São João mandou.”

Ou ainda, invocando proteção, como na canção de Juca do Bolo:

“Eu vi uma onça gemer na galha do arvoredado, eu vi uma onça gemer na galha do arvoredado, ô lèle São João, me valha São Pedro, de onça eu tenho medo.”

A religiosidade é expressa ainda, nos relatos dos seus integrantes que demonstram resistência em fazer apresentações antes dos batismos, pois isso contraria os desejos de São João.

Conforme seu Canuto Santos do boi de Zabumba da Vila Passos:

Já disse lá na Cultura (referindo-se a Secretaria de Cultura do Estado) meu boi não sai do terreiro antes do batismo. O boi não pode sair de casa sem ser batizado porque algo de ruim pode acontecer.

O discurso de Seu Canuto revela a importância de reverenciar sempre o Santo, como “dono do boi”, nada acontece sem que ele permita, por isso, é importante seguir todas as etapas da festa, obedecendo o ciclo de ensaios, batizado, que simboliza o renascimento para o mundo, quando



o boi dança para alegrar a São João e o ritual de morte, que geralmente acontece nas comunidades, celebrando o cumprimento do ciclo.

Além da noite do batizado, 23 de junho, existem dois dias considerados importantes para os brincantes do bumba meu boi maranhense, o dia de São Pedro, 29 de junho, quando todos os grupos se apresentam na Praça de São Pedro, no bairro da Madre Deus, onde fica a capela do santo e o dia 30 de junho, dedicado a São Marçal, quando os grupos no sotaque de matraca se encontram no bairro do João Paulo.

“Ao contrário de outros locais em que é apresentado entre o natal e a festa de reis, portanto de dezembro a janeiro, no maranhão o Bumba-meu-boi faz parte do ciclo das festas juninas, dedicadas a Santo Antonio, São João, São Pedro e São Marçal.” (Marques, 1999:81)

O acontecimento dá um colorido especial à cidade que espera ansiosamente pelo dia da festa. As expectativas começam com os ensaios dos grupos, no Sábado de Aleluia, onde são apresentadas as toadas novas para que todos os integrantes aprendam e estejam afinados para os dias de apresentação. Somente após o batizado, no dia 24, é que o boi será apresentado à população com seu novo couro, um manto de veludo preto, bordado com linha, lantejoulas e paetês pelas pessoas da comunidade.

O batismo do boi, guardadas as devidas relativizações, segue os rituais do batizado católico, tem sempre um padre que dirige a cerimônia e os padrinhos que são escolhidos entre os membros da comunidade ou pessoas influentes da sociedade local.

A imagem de São João fica no plano mais alto, como a derramar suas bênçãos a todos os presentes, especialmente ao boi, que é colocado de frente para o altar, coberto com um pano branco sobre dois cavaletes de madeira enfeitados com flores e folhagens.



Há sempre um local reservado na sede dos grupos, para os devotos e pagadores de promessa, que vêm acender suas velas, agradecendo a São João por uma boa colheita, por uma casa construída ou por um emprego conseguido. O boi acaba revestido, então, de uma característica sobrenatural, na medida em que se torna o portador das oferendas da comunidade a Deus.

Recorremos aqui a um trabalho anterior (Silva, 2007) observando que, neste ritual o boi pode ser comparado ao Exu, entidade das religiões afro-brasileiras, pois é ele também quem faz a mediação entre os orixás e os homens, muitas vezes por meio de oferendas. É aquele que abre os caminhos para que os rituais religiosos aconteçam em harmonia nos terreiros, e também para que a vida transcorra sem transtornos no cotidiano dos humanos. Tornam-se, portanto, aliados e cúmplices das negociações em busca da harmonia e do enfrentamento dos infortúnios, além de compartilhar das angústias e alegrias do cotidiano.

Renato Ortiz, ao tomar o sincretismo como um dos elementos característicos da mudança cultural, lança mão do exemplo de Exu para fortalecer seus argumentos.

Segundo ele (1984: 76)

A divindade Exu, ao viajar para a América, irá sofrer inúmeras modificações aos seus atributos espirituais (...) Porém, ao ser sincretizada com São Pedro no Brasil e em Cuba, ela conserva o caráter de entidade mensageira, papel que possuía na cultura ioruba, sendo capaz de abrir e fechar as portas de acesso entre o sagrado e o profano. (...)

Observando as relações que se constroem entre os brincantes e a imagem do boi, nos festejos juninos em São Luís, é possível tecer o mesmo paralelo. O boi se torna o “guardião” da harmonia, dançar com ele, acompanhar o seu cortejo ou tocá-lo é para alguns uma situação que



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

ultrapassa o simples ato do lazer que a “brincadeira” proporciona. Simboliza tanto a fartura, que outrora fazia parte da vida da comunidade, quanto à esperança por condições melhores. Por isso, muitas pessoas se aglomeram em torno dele no dia do batizado, pois tocá-lo significa “purificar-se”, “limpar o corpo” das impurezas terrenas, renascer para uma nova vida.

. Por isso, o dia do batizado é uma grande festa. A multidão ocupa todos os espaços disponíveis no interior da casa, aglomerando-se, principalmente, em torno do boi.

Segundo Carvalho (1995:110) a realização do batizado é carregada de um forte sentido de obrigação, levada com muita convicção por todos os membros da comunidade do bumba-boi, por isso, ritual é revestido de um forte espírito de religiosidade.

O ato inicia com a ladainha, uma mistura de latim e português, cantada por um coral de rezadeiras. Em seguida cantam o Bendito de São João.

Bendito, louvado seja São João no seu altar
Dizendo a todos que viva São João na glória estar...

Em seguida, rezam um Pai Nosso, chamam os padrinhos, descobrem o Boi e o padre celebra o batismo. .

Após o batismo feito pelo padre, o amo chama os padrinhos para reforçar o ato com água benta e ramos de vassourinha, uma planta de folhas miúdas, característica da região, usada também para enfeite dos presépios.

Neste momento, ouve-se o pipocar de fogos de artifício iluminando todo o terreiro e são bradados vivas a São João. É um momento muito comvente. As pessoas se abraçam, algumas se ajoelham diante do boi, outras choram de emoção.

O casal de padrinhos, de forma intercalada, borrifa água benta sobre o corpo do boi com os ramos de vassourinha repetindo as palavras do amo:



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

“Eu te batizo Prazer de São João³, com toda a tua formosura, não te batizo melhor por que tu não és criatura. Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. Amém.”

O Boi está pronto para ser apresentado ao público.

O auto do Bumba reflete a situação de confronto hierarquizado que se estabelece na estrutura social brasileira. É o jogo das relações de poder, em que quem não tem os artifícios do mando, utiliza-se das artimanhas da astúcia para burlar a vigilância dos grupos dominantes.

Nessa estrutura de relações hierarquizadas, o “homem”, é menos importante que o boi de estimação do amo. A propriedade deve ser defendida e preservada a qualquer preço, pois é um bem mais valioso do que o ser a quem é atribuído seus cuidados.

Os personagens envolvidos no auto revelam na dramaticidade, a rigidez dessa relação. O amo do boi, que simboliza o dono da fazenda, descobre que seu boi de estimação desapareceu e o responsável pelo desaparecimento foi Nego Chico, que temeroso das represálias também está foragido.

O amo toma a iniciativa de chamar os vaqueiros e os “rapazes”⁴ que são empregados da fazenda para procurá-lo. Estes também retornam mal sucedidos. Chama, então, os índios que vivem em torno da fazenda. Após uma série de peripécias ritualizadas ao som de toadas, Nego Chico é encontrado, castigado e torturado até que confessa o crime.

³ A cada ano o *boi* tem um nome diferente que é bordado em seu coro e mantido em segredo até a hora do batismo.

⁴ A expressão “rapaz” é utilizada em algumas regiões do maranhão para se referir a alguém a quem não se sabe o nome, ou não se atribui importância suficiente para sabê-lo. Geralmente serviçais, ou pessoas dos grupos subalternos. Na maioria das vezes essas pessoas são chamadas em vós alta, “Êh Rapá”



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

Catirina, sua mulher grávida, tem o desejo de comer a língua do boi. Convencido por ela, rouba o boi e foge com ele da fazenda. São convocados doutores e feiticeiros que acabam ressuscitando o boi para alegria de todos. Nego Chico é perdoado e todos comemoram em uma grande festa.

Mesmo considerando os aspectos políticos, fruto da capacidade de satirização que os grupos subalternizados revelam em relação aos seus dominadores, a festa do bumba-meu-boi reflete a criatividade e a rica diversidade da religiosidade maranhense. Este espírito sagrado impregna não só a devoção ao santo, mas também as atividades de trabalho e lazer. No largo de São Pedro onde acontece o grande encontro dos vários sotaques, aglomerando uma grande multidão, grupos que vão chegando adentram a igreja tocando, cantando e dançando para reverenciar o santo com sua criatividade. Por outro, os barraqueiros e vendedores ambulantes também expressam essa devoção atribuindo nomes de santos às barracas e tabuleiros.

Neste sentido, já não há separação entre o sagrado e o profano, tudo faz parte de um mesmo universo de relações de trocas, construindo uma intimidade sacralizada pelo cotidiano. Tanto uns quanto outros, simbolicamente convidam o Santo para dançar e fazer parte da brincadeira, agradecendo a São João pelas graças obtidas ao longo do ano ou pedindo por uma boa renda durante os dias de festa. A contrapartida, é que no próximo ano haverá uma maior disposição para realizar a festa, as oferendas serão mais ricas e o boi terá mais brilho.

É importante observar, que embora haja uma predominância das influências cristãs, os espaços das festas populares não excluem a inserção de outras práticas religiosas exercitadas pelos seus participantes nos rituais do bumba-meu-boi.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

Entre os vários sotaques do bumba-meu-boi maranhense, os grupos de boi de zabumba tem um característica peculiar, pois além dos motivos da religiosidade cristã bordados em suas roupas, tem uma relação com as comunidades quilombolas do interior, de onde a maioria de seus brincantes são originários, revelando uma continuidade territorial entre o rural e o urbano.

As diversas etnias que participaram da composição da população maranhense, ao se misturar, possibilitaram um forte sincretismo entre diferentes aspectos da religiosidade, predominando um catolicismo popular envolvendo cristianismo, mina, cura e pajelanças, práticas que coabitam um mesmo espaço, já que fazem parte do cotidiano desses sujeitos

Um dos exemplos, é o bumba-meu boi de zabumba da Vila Passos, onde o espaço sagrado comporta também os rituais de Tambor de Mina, considerada a principal expressão da religiosidade afro-maranhense.

È possível afirmar, portanto, que a religiosidade, com suas características sincréticas, onde se entrecruzam elementos da Mina com o catolicismo em um dinâmico processo de ressignificação, é que assegura a revitalização da memória e da tradição, pois, mesmo diante das transformações, que apresentam uma série de dificuldades para a manutenção da brincadeira, a devoção a São João, e aos “encantados” reforça os laços de solidariedade, para que a festa continue acontecendo.

Assim, o santo, passa a fazer parte do cotidiano das pessoas e conhecer todos os seus problemas, numa relação de intimidade, que facilita a intermediação com os Céus, para que as “graças” sejam prontamente atendidas.

Essas práticas parecem acompanhar o próprio ciclo do bumba-boi, que morre a cada ano para ressurgir novamente com outra roupagem, assimilando os recursos da modernidade, sem perder os vínculos com o seu enredo tradicional.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

No ritual de morte, o boi se despede da comunidade, que prepara o seu ressurgimento para o próximo ano. É o paradoxo do tempo reversível, morre para ressuscitar todo ano, caracterizando uma relação de continuidade, em que vida e morte fazem parte de um mesmo enredo.

Parece ser a fé, portanto, expressa na cumplicidade com São João, o componente dinamizador dessa relação, pois mesmo diante das transformações, que geram também, uma série de dificuldades no processo de estruturação da brincadeira, a devoção a São João, e aos “encantados”, mobilizam especialmente os estratos populares, reforçando os laços de solidariedade e reciprocidade para que a festa continue acontecendo.

Sem dúvidas, a fé parece ser um elemento fundamental que mapeia todo o calendário de festas do Maranhão, pois a crença e a certeza de que seus desejos serão atendidos, estimula a população a superar todas as dificuldades para agradar ao santo, que passa a fazer parte do cotidiano dos sujeitos e conhecer todos os seus problemas, numa relação de intimidade, que facilita a intermediação com os Céus, para que as “graças” sejam prontamente atendidas.

Ao mesmo tempo, a festa reflete a diversidade rítmica e musical produzida no Maranhão ao longo de sua história. Uma multiplicidade de danças, cantorias e formas religiosas, herdadas dos vários grupos sociais que habitam a região desde a sua formação, através de um sincretismo criativo e dinâmico (Canevacci, 1996) deu uma característica peculiar às manifestações da cultura popular.

“No sincretismo exprime-se o fim da lamentação pela perda da origem, da identidade fixa, da memória restauradora, que angustia a maioria dos cientistas sociais: pratica-se a felicidade corsária e marronzada da mudança de conceitos, projetos, métodos, imagens, poesias, arquiteturas, etnias, aforismos” (Canevacci; 1966:10)



Como é possível pensar que segmentos sociais que experimentam motivações descaracterizantes e inibidoras da auto estima, possam estar imbuídos com um espírito coletivo de criatividade, caracterizado por uma riqueza poética que transforma as próprias angústias do cotidiano em adereço de manifestação cultural.

Seguindo Canevacci, adoto aqui o sincretismo como

“como termo-chave para a compreensão da transformação que está se dando naquele processo de globalização e localização que envolve, transforma e arrasta os modos tradicionais de produção de cultura, consumo, comunicação. Essa palavra não somente abre as portas à compreensão de um contexto feito de arrancadas e confusas mutações, mas também pode permitir direcionar esta crescente desordem comunicativa ao longo de correntes criativas, descentradas, abertas” Canevacci, 1996:13)

O sincretismo que emerge a partir da diáspora, como uma força normatizadora dos confrontos entre colonizadores e colonizados, modelando as próprias relações dos negros escravizados com as elites coloniais, ressurgiu aqui como estimulador de um movimento dinâmico, de transgressão e de irreverência, possibilitando novas alternativas de relacionamento com a vida cotidiana, onde os atores protagonizam tanto a conformidade, como o rompimento com os esquemas aprisionadores, construindo novas relações com a religiosidade, com o lazer, com o trabalho e até mesmo com a dialética de vida e morte.

Resulta portanto, em novos elementos interpretativos, que dão conta da análise de um cenário social altamente pluralizado, de reconstrução das tradições, de redefinições de identidades, de ressignificações da vida cotidiana.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

Essas práticas parecem acompanhar o próprio ciclo do bumba-boi, que morre a cada ano para ressurgir novamente com outra roupagem, assimilando os recursos da modernidade, sem perder os vínculos com o seu enredo tradicional.

A morte simboliza o ciclo da continuidade. O boi se despede da comunidade, que prepara o seu ressurgimento para o próximo ano. É o paradoxo do tempo reversível. O boi morre para ressuscitar todo ano, caracterizando uma relação de continuidade, em que vida e morte fazem parte de um mesmo enredo.

Essa circularidade no auto do bumba-meu-boi pode caracterizar o que Mircea Eliade chamou de “o mito do eterno retorno”. O boi morre para ressuscitar a cada ano, com um novo nome, com novos coloridos estampados em seu “couro”, mas fiel ao mesmo enredo que o originou.

O boi é investido de um significado sobrenatural. O ciclo de nascimento (batizado) e morte, caracteriza a suspensão do tempo histórico, retornando sempre a um tempo da prosperidade. Resiste-se às mudanças da história, pois estas provocam desagregação e infortúnios.

Tal resistência resulta em que se permaneça com as aspirações voltadas para a busca de um passado de farturas, de uma vida onde as relações são mais harmoniosas. Daí a mitificação do tempo e a atribuição de um caráter sobrenatural ao boi que, pela manutenção da festa, estaria reproduzindo e fortalecendo o imaginário de retorno a uma vida melhor.

Neste sentido, a tradição se renova a cada ano, articulando-se com os elementos da modernidade que se insinuam neste enredo, constituindo-se em fator de enriquecimento e não de fragmentações.



Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Maria do Socorro. Tu contas, eu conto. São Luis: SIOGE, 1986

ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig. Cultura Popular e Sociedade Regional no maranhão do Século XIX. Publicação original In: Bulletin of Latin American Research, vol. 14, Nº3, pp265-286, São Luis, 1995, Society for Latin American Studies, Great Britain. Tradução de Wagner Cabral da Costa, professor do Departamento de História da UFMA.

BACELAR, Jeferson & CAROSO, Carlos (Organizadores) BRASIL: um país de negros? Rio de Janeiro, Pallas, Salvador, CEAO, 1999.

BALANDIER, George O contorno: poder e modernidade. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARROS, Valdenira. Imagens do moderno em São Luís. Monografia de Conclusão do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, São Luís, 1998, mimeo.

BATISTA, Rosane Pires. Madre Deus: uma reflexão sobre o moderno e o tradicional em São Luís. Monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. São Luis-Ma, 1998, mimeo.

BORNHEIM, Gerd A. O conceito de tradição. IN: Cultura Brasileira: tradição e contradição. Rio de Janeiro: Zahar/Funart.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura na rua. Campinas: Papyrus, 1989.

CANCLINI, Nestor Garcia Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.

CANEVACCI, Massimo. Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 1996.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. Matracas que desafiam o tempo: é o Bumba-Boi do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1995.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CONSORTE, Josildeth Gomes. Sincretismo ou africanização. IN: Travessia, ano XIII, n.º 36, jan./abril 2000.

DUVIGNAUD, Jean. Festas e civilizações. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FEATHERSTONE, Mike. O desmanche da cultura: globalização, pós modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FERRETTI, Mundicarmo. Desceu na guma o caboclo de tambor de mina em um terreiro de São Luís: a Casa Fanti-Ashanti. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERRETTI, Sérgio F. Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas. São Paulo: EDUSP, 1995.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. O saber local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (organizadores) A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1997.

IANNI, Octávio. A era do globalismo. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1996.

MAGNANI, José Guilherme C. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

Memória de velhos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: Lithograf, 1997, vols. 1-5

MIRCEA, Eliade. O mito do eterno retorno: perspectivas do homem. Lisboa: Edições 70, 1969.

MONTERO, Paula. Globalização, identidade e Diferença. IN: Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, novembro/1997.

MORAES, Jomar. Guia de São Luís do Maranhão. 2ª ed. São Luís: Legenda, 1989.

_____. O rei touro e outras lendas maranhenses. São Luís: Sioge, 1980.

MOTTA PESSOA. Cultura como ruptura. IN: CULTURA BRASILEIRA: tradição e contradição. Rio de Janeiro: Zahar/FUNARTE, 1997.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Ática, 1988 (Série Princípios).

MUNANGA, Kabengele. A construção da identidade negra: diversidade de contexto e problemas ideológicos. In; Religião, política e identidade. São Paulo: EDUC, 1988, n.º 33 (Série Cadernos PUC).

NEGRO DE CORPO E ALMA: mostra do redescobrimento. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

OLIVEN, Ruben George. A antropologia e grupos urbanos. Petrópolis: Vozes, 1985.

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo, Brasiliense, 1984.

PEIRANO, Mariza G. S. Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas. Brasília: UNB, 1991.

RIOS, Adriano Farias. Tradição e modernidade: o bumba-meu-boi do Maranhão. Monografia de conclusão de Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 1999 (mimeo).



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*.

São Paulo: Cortez, 1999.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

STRINATI, Dominic. *Cultura popular: uma introdução*. São Paulo: Hedra, 1999.